

RELATO



A Educação em Ciências e Saúde e o enfrentamento à desinformação: um relato de experiências críticas no ensino online

Science and Health Education and tackling disinformation: a report of critical experiences in online education

Juliana Dias Rovari Cordeiro ^a 

Alexandre Brasil Fonseca ^a 

Luciana Rodrigues Lessa ^a 

Aline Guarany Ignacio Lima ^a 

Myrla Nobile ^a

RESUMO: Os desafios e as dificuldades impostas pelo novo coronavírus demanda a reflexão sobre os seus impactos na prática de ensino, principalmente pelo fato das atividades educativas dividirem as mesmas telas destinadas ao entretenimento, trabalho e à formação, onde também circula a desinformação. A pandemia de Covid-19, e a resposta a ela, vêm sendo acompanhada pelo excesso de informações, algumas precisas e outras não, conhecidas como Infodemia. Neste cenário, o objetivo deste trabalho é relatar experiências das práticas adotadas em duas atividades de ensino remoto, com o uso de diferentes Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), no campo da Educação em Ciências e Saúde. Para tal, consideramos elementos das reflexões sobre educação de Paulo Freire. A primeira é o curso de extensão “Fake News faz mal à saúde? Reflexões sobre o consumo de informações em tempos de pandemia”, a segunda foi realizada na disciplina “Planejamento Curricular e de Ensino na Área da Saúde”, oferecida de forma obrigatória para discentes da pós-graduação da Faculdade de Medicina da UFRJ. As duas experiências foram realizadas por discentes e docentes do Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da UFRJ. Na conclusão, trataremos algumas questões que essas experiências suscitaram. Dentre elas, a importância do desenvolvimento de abordagem crítica, que considere a interação entre sujeitos situados no mundo e atuantes como profissionais da saúde e da educação em busca do envolvimento dos discentes, visando o enfrentamento do desafio que representa a desinformação.


Palavras-chave: Formação Superior em Saúde; Ensino de Ciências; Ensino Remoto; Tecnologias de Informação e Comunicação; Desinformação.

ABSTRACT: The challenges and difficulties imposed by the new coronavirus demand reflection on its impacts on teaching practice, mainly due to the fact that educational activities share the same screens with entertainment, work and training, where misinformation also circulates. The Covid-19 pandemic, and the response to it, has been accompanied by an excess of information, some accurate and some not, known as Infodemia. In this scenario, the objective of this paper is to report the experiences of practices adopted in two remote learning activities, using different Information and Communication Technologies (ICT), in the field of Science and Health Education. To this end, we consider elements of Paulo Freire's reflections on education. The first activity is the extension course “Is Fake News Bad for Your Health? Reflections on the consumption of information in times of pandemic”. And the second, we will report the experience with the subject “Curriculum Planning and Teaching in the Health Area”, offered on a mandatory basis to graduate students at the Faculty of Medicine of UFRJ. The two experiments were carried out by students and professors from Nutes Institute of Education in Science and Health at UFRJ. In conclusion, we will address some questions that these experiences have raised. Among them, the importance of developing a critical approach, which considers the interaction between individuals located in the world and who work as health and education professionals in search of the involvement of students, aiming to face the challenge that misinformation represents.

^a Laboratório de Currículo e Ensino, Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Juliana Dias Rovari Cordeiro. E-mail: julianadiasrc@gmail.com.

Recebido em/Received: 07/04/2021; Aprovado em/Approved: 21/06/2021.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

Keywords: Higher Education in Health; Science Education; Remote Learning; Information and Communication Technologies; Disinformation.

INTRODUÇÃO

Os desafios e as dificuldades impostas pela pandemia do novo coronavírus foram de uma enorme amplitude, envolvendo todos os campos da vida na terra. Interessa-nos neste artigo refletir sobre os seus impactos na prática de ensino, particularmente em relação a um aspecto pouco explorado nas discussões que temos tido sobre acesso aos recursos digitais, estratégias de ensino, aulas remotas e atividades síncronas ou assíncronas.

O fato das atividades de ensino e aprendizagem dividirem as mesmas telas de nossos *smartphones* e computadores representa uma significativa mudança no fazer da educação. Alunos e professores, efetivamente afastados, passam a ocupar o mesmo espaço destinado a atividades de entretenimento, formação e trabalho, e recorrem aos diversos aplicativos e oportunidades que as mídias sociais, e outros sites oferecem, aos seus usuários. Nesse sentido, o uso de Tecnologias Educacionais e de Comunicação (TIC) tornou-se onipresente e indispensável para adaptar atividades presenciais ao ambiente digital. Essa mudança ocorreu de forma abrupta ao longo de 2020, ao mesmo tempo, em que foi necessário adaptar-se às mudanças em todas as esferas da vida social.

Nesse espaço, a desinformação - que desde 2016 estava em evidência - emerge com força em meio à pandemia. Com isso, presenciamos a criação de novas palavras que nos ajudam a dimensionar o desafio em que estamos envolvidos. É possível identificar que junto, aos sofrimentos resultantes da crise sanitária, também temos uma série de questões que se impõem para o campo da comunicação, e que passam a afligir diretamente a prática de ensino por meio do aumento da circulação da desinformação, materializada nas chamadas *fake news*¹. Também vivenciamos o surgimento da chamada Infodemia, tema deste dossiê, ou ainda da Desinfodemia. Palavras que demarcam bem este sensível e crítico período da humanidade.

Este artigo tem como objetivo compartilhar experiências de práticas adotadas em duas atividades de ensino bem distintas, mas que foram consideradas necessárias diante do atual momento, e também apontar caminhos possíveis para o enfrentamento da desinformação. As duas ocorreram em formato *online*, com o uso de ferramentas como Padlet (mural interativo), a plataforma *Google Classroom*, o aplicativo de videoconferência Zoom, o site *Spreaker* para *podcasts*, o aplicativo de mensagens

¹ A expressão tornou-se popular a partir de 2016, quando o então candidato à presidência dos Estados Unidos Donald Trump usou o termo *fake news* (notícias falsas) para sugerir que as notícias negativas sobre ele e sua candidatura na imprensa norte-americana tratavam-se de mentiras. A expressão se popularizou e refere-se a conteúdos falsos ou enganosos, ou também é utilizada para refutar conteúdos que desmentem informações falsas.

WhatsApp para a comunicação entre alunos/as, e aplicativos de gravação como Anchor e Gravador de Voz Fácil. Essas são as principais TICs que fizeram parte dessas práticas de ensino remoto no contexto pandêmico e infodêmico. Todas essas ferramentas tiveram seus usos adaptados para a realidade do ensino remoto, buscando entre telas e ferramentas tecnológicas, manter o acolhimento, o diálogo, a proximidade mesmo à distância, o encontro e a troca de experiências diante desse emaranhado de transformações e sentimentos.

A primeira experiência foi o curso de extensão “Fake News faz mal à saúde? Reflexões sobre o consumo de informações em tempos de pandemia”,—oferecido pelo Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde (UFRJ) para professores da rede municipal de Ensino Fundamental da prefeitura de Macaé, localizada no estado do Rio de Janeiro. Esse curso foi fruto de uma parceria entre o Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM/UFRJ) com a Prefeitura de Macaé, que propiciou a abertura de edital para a realização de 28 minicursos, visando formação continuada de docentes.

A outra experiência ocorreu na disciplina “Planejamento Curricular e de Ensino na Área da Saúde (PCES)” do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde (PPGECs/Nutes/UFRJ). A disciplina é oferecida como obrigatória para discentes de mestrado e de doutorado da Faculdade de Medicina da UFRJ. Desde a década de 1970 e, por ano, cerca de 100 discentes participam cada semestre. A maioria destes é formada em medicina e a grande parte de matriculados tem atuação direta nos serviços de saúde.

Na primeira oferta dessa disciplina em 2020, em meio à pandemia, uma discussão que surgiu envolvendo a relação entre ensino e realidade social foi a presença massiva de conteúdos enganosos e imprecisos na área da saúde veiculados tanto na imprensa, como também nos grupos de aplicativos de mensagens, posts e tuítes. O Brasil experimentou um volume significativo de veiculação de desinformação, sendo responsável por 8% do banco de conteúdos desinformativos reunidos pelo *Coronavirus Fact Alliance*, uma iniciativa do *The International Fact-Checking Network (IFCN)* (FONSECA et al. 2020). À medida que o vírus se espalhava de forma avassaladora ao redor mundo, informações enganosas sobre a origem, prevenção e tratamento sobre a Covid-19 viralizavam com rapidez e abrangências preocupantes no ambiente digital.

Como era esperado, essas questões suscitaram debate na sala de aula e acabou sendo levado um conjunto desses materiais para que os profissionais de saúde, matriculados na disciplina de PCES, refletissem e propusessem possíveis respostas. O resultado passou pela criação de um podcast² em que foram veiculadas mensagens com lições e aprendizados da pandemia, tendo em vista a importância adequada e saudável da informação nos dias de hoje.

Para enfrentar o problema da desinformação, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou em junho de 2020 a campanha Verificado, com o objetivo de fornecer “acesso a

² <https://open.spotify.com/show/1qFC9olitQ6vKA5sX5Mlnf>

informações confiáveis e precisas que promovam a ciência e soluções reais, e que promovam a solidariedade dentro e entre as nações”. A atuação é por meio de parceria com várias iniciativas de comunicação e organizações da sociedade civil, incluindo brasileiras.

Notamos que a verificação de fatos com a produção de informação de qualidade, baseada em evidências, por meio de agências de checagem, órgãos públicos, veículos de comunicação, projetos de extensão, entre outras iniciativas, tem atuado de forma destacada para combater o vírus da desinformação. No entanto, também temos refletido que esse tratamento age sobre a doença já instalada, ou seja, o conteúdo suspeito já está na rede digital, agindo sobre o corpo social.

Essa terapêutica, se é que podemos denominar assim os esforços para melhorar a qualidade da informação, é necessária e salva vidas. Mas não é suficiente. Com a pandemia ficou evidente que a desinformação mata (FONSECA 2020). É preciso prover soluções complexas para um problema complexo. Por isso, apontamos algumas questões. Os canais de circulação de desinformação são os mesmos por onde circulam a verificação dos conteúdos suspeitos? Quais as possibilidades deles se cruzarem no ambiente digital? E, quando se cruzam, quais as possibilidades de reabilitar a confiança de quem tomou uma informação falsa por verdadeira?

E, se mesmo que essa suposta informação for desmentida, quais as chances de ela ser acatada como um conteúdo crível e aceitável ao ponto de gerar mudança de comportamento? Quais outros caminhos podemos construir para enfrentar a desinformação no Brasil?

Inicialmente, será apresentada uma discussão sobre o conceito de desinformação, sua recorrência no cenário pandêmico com a Infodemia e a desinfodemia. Em seguida, serão relatadas as práticas de ensino adotadas e, por fim, na conclusão, abordaremos algumas questões que essas experiências suscitaram, como a importância do desenvolvimento de abordagens fundamentadas que considerem a inserção de profissionais da saúde e da educação, e busque o envolvimento dos discentes, visando o enfrentamento do desafio que representa a Desinfodemia.

HAVIA A INFODEMIA NO MEIO DO CAMINHO

O primeiro caso de Covid-19, detectado oficialmente, foi divulgado no Brasil em uma quarta-feira de cinzas, no dia 26 de fevereiro de 2020. No entanto, estudos demonstraram que o vírus já circulava antes desse período, e teria se aproveitado das aglomerações e da falta de medidas de restrição para criar cadeias de transmissão pelo país. No final de dezembro de 2019, a mídia internacional já noticiava a ocorrência de uma “pneumonia misteriosa”, que afetava algumas partes da China. Em 8 de janeiro de 2020, cientistas chineses divulgaram que a tratava-se de uma Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARs-Cov2), um novo tipo de coronavírus, causador da Covid-19.

No início de 2020, a OMS alertou que o surto de Covid-19 e a resposta a ele tem sido acompanhada por uma Infodemia, explicada como o excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa (OMS, 2020). O termo se refere a um grande volume de informações sobre um assunto específico, que pode se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, caso da pandemia. O anúncio da Covid-19 como uma emergência de saúde pública global foi seguido pelo lançamento da Rede de Informações da OMS sobre Epidemias (EPI-WIN)³.

No mesmo ano, Bontcheva e Posetti (2020) chamou de “Desinfodemia” a desinformação específica sobre o coronavírus, em um documento divulgado pela Organização das Nações Unidas para Educação e a Ciência (Unesco). Dentre as características da Desinfodemia, está a confusão sobre a ciência médica, que gera impacto sobre toda a população mundial, sendo classificado pelas autoras como a mais tóxica e letal do que as *fake news* em outros temas.

Em março de 2020, cerca de 550 milhões de tuitos continham os termos coronavírus, covid-19 ou pandemia. Em apenas 30 dias, foram carregados no YouTube 361 milhões de vídeos sobre o assunto (OMS, 2020). Em abril, a EPI-WIN realizou uma consulta mundial online durante dois dias para buscar respostas sobre como controlar esta Infodemia. Também manteve um fórum interativo que recebeu mais de 500 ideias. Dentre as medidas adotadas pela OMS está a parceria com as grandes plataformas de tecnologia como Facebook, Instagram, Twitter e Tik Tok para inclusão de mecanismos que excluam mensagens falsas e promovam informações precisas de fontes confiáveis.

A desinformação não é um fato novo na história da humanidade. Trata-se de uma informação que é intencionalmente mentirosa, com o objetivo deliberado de obter vantagens - políticas, sociais e/ou econômicas - e pode prejudicar o interesse público (COMISSÃO EUROPÉIA 2018; FALLIS 2015; FLORIDI 1996). Em outras palavras, esse tipo de informação gera prejuízos em âmbito individual e coletivo. Pode causar danos morais, econômicos e físicos a pessoas, coletividades, à vida pública e à democracia.

O caso da saúde pública torna-se emblemático para compreender a nocividade de uma desinformação porque ela pode levar à morte, à medida que a narrativa contida em seu discurso tende a induzir, por exemplo, a negação da gravidade da Covid-19, a não adesão às medidas protetivas e preventivas como o uso de máscara e distanciamento social e vacinação.

A pesquisa do Datafolha (2021) sobre a obrigatoriedade da vacinação contra o novo coronavírus mostrou que, em janeiro de 2021, 55% dos brasileiros adultos avaliavam que deveria ser obrigatória. Em março, quando a pandemia completou 1 ano com auge de

³ <https://www.who.int/teams/risk-communication/epi-win-updates>

mortes e casos infectados no Brasil, o índice subiu para 70%. Sobre a intenção de se vacinar, a pesquisa informa que alcançou 89% da população.

A Desinformia combina saúde e política, em uma economia política da pandemia (WALLACE 2020), que explicita o alinhamento entre o Estado e o Capital. Somos criaturas coletivas, solidárias e que vivem em comunidade. No momento, o distanciamento social é uma das necessárias respostas coletivas. O Capital é prejudicado, mas cabe ao Estado atuar para a proteção de todos (MCGOWAN 2020).

O que se exige é exatamente o oposto ao ideário individualista e meritocrático defendido por uma sociedade capitalista e que tem sido garantido pelo Estado. Os líderes populistas e autoritários negam o caminho da solidariedade e buscam soluções que passam por alianças com grupos fascistas e criminosos. É preciso, então, reagir a essa lógica e defender uma sociedade justa e equânime.

Esse contexto mostra-se ainda mais perverso e desigual em uma crise sanitária e de saúde pública, que representa uma crise humanitária, onde predominam informações com intenção de enganar, levar vantagem econômica e política, gerar prejuízos e mortes. A desinformação na pandemia é um atentado à vida.

O sistema ubíquo de transmissão de dados pela Internet, especialmente nas mídias sociais em tempo real, e de qualquer parte do mundo, potencializa o fluxo de informações, sejam elas verdadeiras ou falsas. De forma simultânea, usuários criam e compartilham seus conteúdos com diferentes motivações e caminhos para disseminação desses conteúdos, caracterizando o ecossistema de informações (WARDLE 2017).

É o que Castells (2015) chama de autocomunicação de massa, caracterizada pela capacidade de enviar mensagens de muitos para muitos, em tempo real ou programado, com a possibilidade de atingir um público global, por meio de canais online e mídias sociais, assim como ocorre na comunicação de massa. Entretanto, nesse modelo de comunicação, a produção da mensagem é autogerada. A definição dos receptores em potencial é autodirecionada e a recuperação do conteúdo específico da internet e das redes eletrônicas é autoselecionada.

Para Castells (idem), a comunicação interpessoal e a comunicação de massa, modelo unidirecional com potencial de transmissão de conteúdo para a sociedade, coexiste com a autocomunicação de massa. Ou seja, essas três formas de se comunicar não se excluem. Mas, segundo o autor, o fato que é historicamente novo, com consequências consideráveis para a organização social e a mudança cultural, é a articulação de todas as formas de comunicação em um hipertexto digital composto e interativo numa convergência, que combina e recombina toda a variedade de expressões culturais da interação humana (CASTELLS 2015, p.102).

Com base na análise de Castells (2015) sobre as transformações críticas da comunicação que, em última instância, o autor trata como relações de poder, trazemos a reflexão de Born (2017) sobre as seis características do que a autora chama de Era da

Desinformação. São elas: (i) democratização da criação e da distribuição de informação; (ii) socialização da informação, em que os conteúdos são recebidos e compartilhados através de pares, pessoa a pessoa; (iii) atomização, entendida como o divórcio entre as notícias individuais e as suas marcas ou fontes; (iv) anonimato na criação e distribuição de informações, terreno fértil para a proliferação de *robots* (postagens automatizadas); (v) personalização, em que os criadores de conteúdos podem testar versões de um mesmo conteúdo e direcioná-las em tempo real; (vi) soberania, que se refere às plataformas de comunicação, as grandes empresas de tecnologias que até o momento são autorreguladas e de forma pouco eficaz.

Born (2021), ao avaliar a desinformação nos Estados Unidos, afirma que embora adversários estrangeiros, *bots* e contas falsas tenham dominado o diálogo sobre desinformação desde 2016, a partir de 2020 influenciadores domésticos - pessoas reais com identidades autenticadas - assumiram o controle. A narrativa da pandemia passou a ocupar o centro das atenções. O resultado é que a desinformação se tornou global. De acordo com Born:

O ambiente de informações online em que vivemos é dominado por empresas de mídia social com fins lucrativos que dependem de forte envolvimento do usuário para vender espaço publicitário. Isso, juntamente com a predisposição psicológica das pessoas para se envolver mais com notícias que afirmam suas crenças e identidades preexistentes, resulta em um ecossistema de informações onde falsidades viajam seis vezes mais rápido do que fatos, em média.

Born agrupou as propostas adotadas para enfrentar a desinformação em três categorias, com base no ecossistema de informações. A primeira se refere às medidas *upstream*, apoiando a produção de informação de alta qualidade, incluindo pesquisa e jornalismo. A segunda chama-se *midstream*, com foco na mudança de comportamento das plataformas dominantes de mídia social. E o terceiro conjunto de medidas é o *downstream* para promover formas mais saudáveis de engajamento do público.

A autora explica que os esforços voltados para o público (*downstream*), como a verificação de fatos, que mencionamos na primeira parte deste artigo, e programas de educação midiática, geralmente são difíceis de ganhar escala e podem ser vítimas de raciocínio motivado e viés de confirmação. “Por razões óbvias, a propensão das pessoas a buscar informações que reflitam e reforcem suas visões de mundo complica a eficácia de muitos esforços voltados para o público”, explica Born.

Quanto às intervenções para abordar o papel das plataformas de mídia social, a autora destaca que poucos estudos avaliaram as muitas soluções propostas de forma abrangente. Ela identifica seis características de políticas intermediárias que visam o problema da desinformação mais diretamente (moderação de conteúdo e curadoria de rede) e intervenções menos relacionadas (como ação antitruste), que são mais propensas a produzir consequências indesejadas.

A autora faz uma reflexão entre mídia social e fragmentação social ao apontar que a praça pública se tornou online. Em decorrência dessa transformação em curso, a sociedade fragmentou-se em linhas raciais, religiosas, partidárias e econômicas, ou na linguagem dos algoritmos, em bolhas. As plataformas de mídias sociais detêm um poder significativo não somente para se comunicar com o público, mas para destacar questões-chave e unir estranhos com mentes semelhantes, envolvendo esses novos grupos em seus próprios sistemas de informação distintos e, às vezes, imprecisos.

Entre as possíveis soluções, Born elenca quatro intervenções, ao seu ver promissoras, a saber: maior transparência e acesso aos dados; pesquisa sobre os efeitos da desinformação e soluções potenciais; alfabetização digital e treinamento em ética tecnológica; e o desenvolvimento de infraestrutura de coordenação formal e informal. Para a autora, um problema com essa abrangência e impacto na vida pública e também cotidiana demanda uma combinação de soluções. Nesse sentido, sugere que deve ser desenvolvido um trabalho significativo nessas quatro linhas para melhorar o ambiente de informação atual. Com isso, espera-se que o discurso baseado em evidências ancore a consciência pública. Em pesquisas desenvolvidas no âmbito do Instituto Nutes, particularmente no Grupo de Estudos sobre Desigualdades na Educação e na Saúde (GEDES), a questão da consciência e de reflexões e práticas do campo da educação têm sido percebidas como elementos que precisam ser considerados nas estratégias de enfrentamento à desinformação (FONSECA 2020b; DIAS et al. 2020), especialmente no caso da Desinfodemia.

E O ENSINO, COMO FICA?

O educador pernambucano Paulo Freire (1970), afirma que “o homem é um corpo consciente”, o que sustenta o pensamento sobre a intencionalidade da consciência e a ação conscientizadora. A consciência intencional desafia uma aproximação reflexiva com a realidade. Não só em direção ao mundo, mas também possui a propriedade de olhar para si mesma e se conscientizar de sua consciência. O ser humano é um ser que vive no e para o mundo, que se cria na relação com o mundo e com as situações. O que leva a compreendê-lo como um ser ativo em relação ao mundo é justamente a situacionalidade, referindo-se à situação em diversos níveis de consciência. Numa dimensão histórica, Freire pretende entender o ser humano tal como se apresenta em um momento específico da sua história (Freire, 1967).

A *consciência intransitiva* se caracteriza principalmente pelo fato de que o sujeito tem seu interesse voltado para a dimensão biológica, ou seja, para as formas vegetativas da vida. A *consciência transitiva ingênua* é onde se amplia o poder de resposta e de captação às ideias que parte do seu contexto. É a consciência que se percebe no “homem massa”, aquele que age sem uma ação crítica e reflexiva com os outros e com o mundo. É como se sua identidade fosse atribuída pelas forças determinantes da sociedade. A massificação provoca um agir com base na emoção, onde o homem se vê acomodado à estrutura existente, incapaz de perceber a possibilidade de diálogo e de realizar opções. E na *consciência crítica*, existe a capacidade de perceber e interpretar

profundamente os problemas, fundamenta-se na criatividade, promove a transformação criadora através do estímulo da ação do homem sobre a realidade. É originária de uma educação dialógica e ativa que possibilita ao homem responsabilizar-se por seu agir social, político e pessoal.

Freire (1967, p. 62) explica que a passagem de uma consciência para outra se dá através de um trabalho educativo crítico com esta destinação. Parece-nos que essa reflexão sumariamente apresentada a partir da obra de Paulo Freire dá boas pistas para se pensar sobre o enfrentamento à desinformação que envolve não só os conteúdos veiculados, mas também um conjunto de sentimentos e valores. Trabalhos na área da psicologia também têm sublinhado o que em Freire poderíamos compreender a disseminação da desinformação como o resultado de consciências transitivas ingênuas. Pennycook e Rand (2019) abordaram no artigo *Lazy, not biased*, que a propagação de *fake news* estaria mais relacionada a uma “falta de raciocínio” do que a um “raciocínio motivado”. O que nos remete para a importância vital da presença de atividades no campo da educação crítica para o seu enfrentamento.

Neste tópico, o objetivo é compartilhar duas experiências no campo do ensino relacionadas ao enfrentamento da Infodemia. A primeira é o curso “Fake News faz mal à saúde? Reflexões sobre o consumo de informações em tempos de pandemia”. Participaram professores da Educação Infantil, do Ensino Fundamental Médio, além de estudantes da graduação e pós-graduação da UFRJ. Ao todo foram 21 partícipes sendo apenas um homem. O curso ocorreu de forma remota, utilizando-se do aplicativo de videoconferência Zoom, com a carga horária de 08 horas. Dentre as atividades realizadas destacamos o módulo “Fake News X Prática de Saúde Baseada em Evidências”, que se fundamentou na prática de saúde baseada em evidências. Segundo Rodrigues (2020, p.6), “consiste em utilizar os melhores conhecimentos científicos disponíveis para nortear as decisões clínicas em situações reais do dia a dia”. Desta forma, a Saúde Baseada em Evidências (SBE) pode colaborar para tomada de decisão no que concerne à saúde individual e coletiva. No campo da Educação em Saúde, o curso encontra fundamento nas concepções crítica e participativa que consiste em práticas educativas de caráter participativo e emancipatório, com o objetivo de “sensibilizar, conscientizar e mobilizar para o enfrentamento de situações individuais e coletivas que interferem na qualidade de vida” (SALCI et al., 2013, p. 225).

O uso do site *Padlet*, utilizado para criação de murais interativos, foi uma estratégia de Educação em Saúde inspirada no Círculo de Cultura proposto por Freire. Adaptou-se a metodologia para uma situação de ensino-aprendizagem de forma remota. Apresenta-se “uma situação-problema de circunstâncias reais, que leva à reflexão da própria realidade, para, na sequência, decodificá-la e reconhecê-la”. Segundo os autores, “é uma estratégia poderosa de comunicação horizontal” (SALCI et al., 2013, p. 225).

O módulo iniciou evidenciando o dever do Estado nas ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação da saúde, também conscientizando que esse dever não exclui o das pessoas (BRASIL,1990), reafirmando a responsabilidade de cada um sobre a própria saúde. Daí a importância do conhecimento das práticas de saúde

baseadas em evidências no enfrentamento às *Fake News* e, conseqüentemente, na promoção da saúde. Como situações-problema foram utilizadas postagens de mídias sociais que afirmavam a cura da Covid-19 e seus sintomas com a utilização de chá de boldo. O uso da Ivermectina como suposto “tratamento precoce” da Covid-19 também foi uma situação-problema para busca de informações em bases de dados, utilizando-se da hierarquia das evidências científicas conforme figura abaixo.

Figura 1. Hierarquia das Evidências Científicas.



Fonte: Suny, 2001⁴

Utilizando-se do *Padlet* foram criados fórum e exercícios de checagem e busca de evidências de informações. O *Padlet* constituiu-se em um espaço dinâmico de aprendizagem e troca de conhecimentos. Nele foram investigadas e discutidas postagens de mídias sociais relativas à cura da Covid-19, propostas pelos participantes. Os principais temas discutidos, além do chá de boldo e da Ivermectina propostos durante a exposição, foram “sol forte pode matar coronavírus em 34 minutos” e “como os famosos influenciam negativamente a acreditar em *Fake News*”. Quanto ao uso da Ivermectina, na base de dados *Cochrane* os alunos destacaram 18 ensaios clínicos sobre , inclusive para uso profilático, estágios recentes e assintomáticos da doença. Foi observado que a principal evidência científica inicial seria um estudo *in vitro*, que possui um baixo nível de evidência, conforme hierarquia, e que uma quantidade dez vezes maior do que a dose usual da Ivermectina não seria capaz de atingir a concentração do fármaco no sangue, necessária para ter efeito no vírus. Descartou-se, assim, a segurança e a eficácia do fármaco para a enfermidade em questão (CALY et al. 2020; SCHMITH et al. 2020).

A segunda parte do curso, também como forma de acolhimento, trouxe uma reflexão sobre a Saúde Mental e o quanto o momento pandêmico estava e ainda está, ocasionando agravos à saúde mental das pessoas devido a fatores como a necessidade de isolamento físico e a desinformação. Com base nos relatos postados no *Padlet* foram feitas ponderações diferenciando doença, síndrome, transtorno ou distúrbio. Foram abordadas as reações mais comuns, de acordo com estudos recentes, além do

⁴ <https://brazil.cochrane.org/home>

diálogo sobre as melhores formas de lidar com tudo o que está sendo vivenciado, e como “consumir” de forma preventiva os conteúdos postados nas mídias de uma forma geral, visando a proteção da saúde mental. (Sociedade Brasileira de Psicologia, 2020).

A outra experiência no ensino, que envolveu parte dos autores deste artigo, se deu a partir das questões e problemáticas suscitadas no curso, realizado em julho de 2020, e que nos levou propor essa discussão sobre desinformação em saúde para profissionais da saúde, em sua maioria médicos/as, que estão cursando a pós-graduação na Faculdade de Medicina da UFRJ e participaram da disciplina de Planejamento Curricular e Ensino na Área da Saúde (PCES) entre 2020 e 2021.

A trajetória da disciplina de PCES, que teve início em 1978, possibilita uma leitura crítica sobre as transformações no campo da Educação e Saúde, na perspectiva de processos educativos que buscam a integralidade, em uma prática médica humanizada e em diálogo com diferentes saberes e concepções de saúde. Mantém como diretriz central a reflexão sobre os fins da educação e da prática docente em articulação com os determinantes no contexto dos sistemas Educacional e de Saúde brasileiros, e em consonância com tendências educacionais de diferentes momentos da história da educação.

A disciplina tem carga horária de 60 horas e, no período de ensino remoto, as aulas foram divididas em síncronas (ao vivo) por meio do aplicativo Zoom, com duração de 2 horas, e assíncronas, com tarefas complementares à aula a serem realizadas e postadas na plataforma *Google Classroom*. O curso está organizado em três eixos: (i) Pensar a formação do profissional de saúde; (ii) Narrativas médicas e (iii) Currículo, planejamento e prática de ensino na saúde.

No eixo 1 (Pensar a formação docente), aborda-se os temas sobre o contexto sociohistórico da Educação na área da Saúde e as múltiplas desigualdades em saúde. Desde 2018, foi introduzida a temática da comunicação em saúde, pois trata-se de uma das habilidades preconizadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), na área da saúde, e também campo de ação e debate relevante para se promover educação em saúde, de forma dialógica e problematizadora.

Mesmo não sendo o foco direto, o tema das *fake news* passou a ser trazido pelos estudantes, que também são profissionais de saúde e lidam diretamente com pacientes na Atenção Básica, em consultórios e hospitais. Preocupações como informações falsas sobre medicamentos, tratamentos curas e o acesso facilitado pelas mídias sociais e sites de busca, geram tensões e conflitos no diálogo entre médico e paciente. A desinformação foi identificada como um problema, assim como a abordagem reducionista da saúde na grande mídia, que sugere soluções fáceis para uma determinada doença ou a apresentam de forma parcial.

No entanto, a partir de 2020, em função da pandemia, optou-se por abordar a temática da desinformação e Covid-19, durante o Período Letivo Excepcional (PLE) da UFRJ e no Ensino Remoto Emergencial (ERE), entre os meses de setembro de 2020 a março de

2021, com duas turmas, totalizando 51 estudantes. Observou-se que o tema estimulou discussões e debates sobre situações reais, vivenciadas por quem está na linha de frente da pandemia e da desinfodemia. Nesse primeiro eixo, a turma foi provocada a escrever cartas para futuros profissionais da saúde sobre as lições da Covid-19.

As cartas foram escritas em texto, mas poderiam ser gravadas em áudio ou vídeo. Parte das produções em texto e áudio foram utilizadas para criar o canal de podcast da disciplina chamado “Planejamentos e Educação em Saúde”⁵. Algumas produções textuais foram selecionadas para a gravação em áudio. Atualmente, o canal possui 18 episódios.

A proposta dessa metodologia é narrar experiências da formação e prática profissional em saúde, com ênfase nas dimensões afetivas e empáticas. Com o canal, criaram-se oportunidades de trabalhar as narrativas a partir da oralidade, além da escrita. Com isso, ampliaram-se as possibilidades de narrar as vivências em saúde e refletir sobre os processos de educação, formação e comunicação durante a pandemia. Em depoimento uma aluna, destaca:

Eu usava os podcasts apenas como lazer, mas essa disciplina me fez pensar nisso como uma fonte de informação, com fontes confiáveis e que eu possa divulgar para os meus pacientes, não apenas questões sobre saúde, mas conhecimentos que perpassam suas vidas como um todo. É um momento de troca e uma oportunidade para que outros profissionais que escutem esse podcast possam entender o que está acontecendo conosco e se sentir acolhidos em suas trajetórias⁶.

Ainda no eixo 1, e dentro da temática desinformação e Covid-19, os estudantes discutiram o assunto em grupos, durante uma aula síncrona específica, utilizando a metodologia *World Café*. Trata-se de uma metodologia de conversa, que simula um ambiente informal, como um bar ou um café, com o objetivo de estimular a criatividade, explorar temas relevantes para o grupo e criar espaço para que a inteligência coletiva possa emergir. Para realizá-la no ambiente virtual, fizemos algumas adaptações para a plataforma Zoom.

A turma foi dividida em quatro salas, e manteve-se a figura de um/a anfitrião/ã, que tem a função de relatar as ideias e soluções para o tema sugerido. Os participantes não mudaram de grupo/mesa durante a atividade, como normalmente é feito, e cada grupo ficou com o desafio de responder uma questão, distribuídas aleatoriamente. Previamente a essa aula, a turma já estava organizada em quatro grupos, e cada grupo fez a leitura de um texto relacionado ao tema da aula, com a finalidade de responder às questões com base nas leituras e experiências profissionais.

As perguntas foram as seguintes: (i) Como você avalia o papel das mídias digitais na produção e circulação de informação sobre o processo saúde-doença da população?;

⁵ <https://open.spotify.com/show/1qFC9olitQ6vKA5sX5Mlnf>

⁶ <https://conexao.ufrj.br/2020/10/05/a-pandemia-na-voz-de-profissionais-da-saude/>

(ii) Quais os impactos da desinformação no cotidiano da prática profissional de saúde e na Educação em saúde? (iii) Quais os caminhos e possibilidades para assegurar o direito à saúde e o direito à comunicação em saúde?; e (iv) Quais outras estratégias de comunicação deveriam/poderiam ser empregadas para combater a desinformação em saúde?

Após 30 minutos de conversa, as salas virtuais são encerradas e cada grupo apresenta a síntese de suas ideias/soluções. Após o encontro síncrono, cada estudante realizou uma tarefa assíncrona referente ao tema da desinformação e saúde. . A tarefa consistiu em elaborar uma breve reflexão sobre a seguinte pergunta: a partir de sua experiência profissional, comente como o conteúdo desinformativo na área da saúde afeta a sua prática profissional e a relação com o/a paciente?

Dentre as respostas compartilhadas, podemos observar que a desinformação gera prejuízos na prática profissional e conflitos na relação médico-paciente pois, muitas vezes, esses se amparam em informações enganosas, ou falsas, baseadas em confiança, como relata um estudante ao afirmar que “conteúdos desinformativos são grande prejuízo na prática profissional, gera medo na população e dificulta a relação”. Em um dos episódios do podcast da disciplina, encontramos uma reflexão sobre o conteúdo desinformativo que atrapalha a prática profissional, pois afeta a relação com o paciente: “quanto mais consolidada essa relação, é mais fácil reverter a situação e o paciente acreditar, mas nem sempre é tão simples assim”.

Outra questão recorrente nos relatos é a adesão dos pacientes ao suposto tratamento precoce para a Covid-19, composto por medicamentos como ivermectina, hidroxiclороquina e azitromicina, cuja ineficácia já foi cientificamente comprovada:

Cabe ao profissional de saúde esclarecer que tais medicamentos não oferecem a prevenção, ou tratamento adequado, ao tratamento da infecção pelo Covid-19. Porém, é um trabalho árduo pois muitos pacientes acreditam fielmente no uso desses medicamentos.

A proliferação da Infodemia gera confusão, desacredita a ciência e demonstra como a fala de autoridades políticas e celebridades influenciam diretamente na relação médico-paciente:

Descrédito na ciência, e predileção por seguir falas de políticos e celebridades. A ascensão da veiculação desses discursos, muitas vezes desinformativos, promove confusão e desespero na população. Tem sido necessário um esforço maior e constante para desmentir dados errôneos, e tentar convencer indivíduos a não abandonarem medidas de prevenção oficiais.

Outros comentam sobre a frustração e o esforço em ter que dedicar tempo para tratar pacientes com Covid-19 e se manter atualizado com as *fake news* do momento, e também terem sua conduta questionada ao não prescreverem o tratamento precoce:

Frustração. Passar horas do dia conferindo conteúdo e desmentindo informações falsas. Uns acreditam, mas outros não. Tudo isso com apoio do alto escalão do despreparado executivo nacional.

Os profissionais da saúde que lutam para esclarecer as informações e desvincular informações errôneas. Por vezes, são atacados no processo de tomada de decisão (...) Esses profissionais, muitas vezes, são questionados sobre sua conduta. Essas atitudes geram um maior número de infectados e tem lotado ainda mais o serviço de saúde.

Sobre o enfrentamento à desinformação, os estudantes apontam para uma estratégia que articule educação e comunicação tanto para a população como para os profissionais de saúde:

A estratégia de combate à desinformação contribui para a formação profissional e para informação da população. Por meio não só do contato direto com os pacientes, como também pela troca de informações entre profissionais de saúde.

As estratégias de combate à desinformação são essenciais para a luta contra a irracionalidade, treinam profissionais a comunicarem fatos científicos de forma compreensível, e acessível a toda população, aumentando os laços com os pacientes. Permite também uma maior acessibilidade a essas discussões.

Estratégias de combate a essa desinformação são essenciais para acabar com esse pensamento errôneo presente em nossa sociedade atual. Em caso de dúvida, não devemos compartilhar qualquer informação antes de averiguar, ficar atento à data de divulgação de artigos. Repassar apenas as informações que tiver certeza de que são verdadeiras.

O desenvolvimento dessas atividades no contexto de uma disciplina voltada para profissionais da saúde que, em sua maioria, estão diretamente na linha de frente da pandemia e da infodemia, nos mostram que é necessário investir em práticas de educativas e comunicativas no âmbito da formação, que despertem a consciência crítica sobre a realidade social, da qual fala Freire. É interessante perceber nesses relatos como a desinformação gera danos à saúde pública, podendo levar à morte, como afeta também relacionamentos, mina a confiança entre médico e paciente. De forma concreta, os relatos indicam os riscos desse sistema desinformativo, em âmbito individual, profissional e coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Covid-19 trouxe consigo a necessidade de novas formas de ensinar e aprender sobre saúde no ambiente digital de forma predominante, em um contexto marcado por mais de 330 mil mortes no país após um ano de pandemia, em que a desinfodemia torna ainda mais crítica a busca por informações confiáveis e que pode salvar vidas. Como discutimos, a centralidade da narrativa da pandemia tornou a desinformação um problema global.

A fragmentação social fica explícita nas bolhas em que somos direcionados pelos algoritmos. Criam-se ecossistemas de informações baseados em conteúdos falsos e enganosos, alimentados por relações de confiança que desafiam fatos e evidências em saúde. Dentre os caminhos possíveis, as experiências apresentadas neste artigo sobre práticas de ensino, desvelam a necessidade de processos formativos com abordagens críticas que gerem interação e diálogos entre educandos e educadores, comprometidos com a transformação da realidade.

Tais práticas foram forjadas no contexto do ensino remoto, com o uso de diferentes tecnologias, muitas desconhecidas de docentes e discentes que participaram dessas experiências, mas que trouxeram possibilidades de encontro e diálogo sobre o presente, a partir da perspectiva da educação. Espera-se que essas vivências de ensino e aprendizagem contribuam para a busca de soluções plurais, que auxiliem no enfrentamento da desinformação e, ao mesmo tempo, na promoção de informações adequadas e saudáveis no ambiente digital.

Espera-se também que sejam construídos processos de educação e comunicação pautados na solidariedade, reciprocidade entre sujeitos que se situam no mundo, com a intenção de se conscientizarem entre si de forma crítica, fraterna e repleta da *boniteza* de ser gente.

REFERÊNCIAS

BONTCHEVA, Kalina e POSETTI, Jolie, 2020. Desinfodemia: decifrando ladesinformación sobre el covid-19. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), 2020. [Acesso em 20 março 2020]. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation_es.pdf

BORN, Kelly, 2021. Can Digital Disinformation Be Disarmed? Project Syndicate 2021, no.1. [Acesso em 09 março 2020]. Disponível em: <https://joserobertoafonso.com.br/can-digital-disinformation-be-disarmed-born/>.

BRASIL. Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 20 set. 1990; Seção 1.

CALY, Leon, DRUCE, Julian, CATTON, Mike, JANS, David e WAGSTAFF, Kylie, 2020. The FDA-approved Drug Ivermectin inhibits the replication of SARS-CoV-2 in vitro, *Antiviral Research*, 2020. vol. 178. [Acesso em 05 março 2021]. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166354220302011>.

COMISSÃO EUROPEIA, 2018. Combater a desinformação em linha: uma estratégia europeia. COM, 2018, 236 final. [Acesso em 20 março 2020]. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX:52018DC0236>.

DIAS, Juliana, FONSECA, Alexandre Brasil, LIMA E SILVA, Juliana Cintia, MANGABEIRA, Elliz e LIMA, Aline, 2020. Desinformação na cultura digital: reflexões a partir da Democracia Cognitiva e do Diálogo de Saberes. *REVISTA OBSERVATÓRIO*. 2020. vol. 6, p. 1-22.

FALLIS, Dom., 2015. *Exploring Philosophies of Information*. *LIBRARY TRENDS*. 2015. vol. 63, no. 3, pp. 401-426. edited by Ken Herold, The Board of Trustees, University of Illinois.

FONSECA, Alexandre Brasil, DIAS, Juliana, LIMA, Aline e LIMA E SILVA, Juliana Cintia, 2020. Desocultando verdades: desinformação e mortes por Covid-19. *CTS em Foco*. 202. vol. 1, p. 77-84.

FONSECA, Alexandre Brasil, 2020. A Covid-19 e a desinformação que mata. *Le Monde Diplomatique Brasil*, mai 2020. [Acesso em 20 março 2020]. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-covid-19-e-a-desinformacao-que-mata/>.

FONSECA, Alexandre Brasil, (2020b). Indústria 4.0 e desigualdades: desafios para a educação. *CADERNOS ADENAUER (SÃO PAULO)*. 2020. vol. 21, p. 143-163.

FLORIDI, Luciano, 1996. *Brave.Net.World: The Internet as a Disinformation Superhighway?*. *The Electronic Library*, vol. 14, no. 6, p.509-514, 1996. [Acesso em 05 julho 2020]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3128817>.

FREIRE, Paulo, 1967. *A educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo, 1970. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

INSTITUTO DATAFOLHA. *Pandemia e vacina*. Abril, 2021. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/03/22/6v879812aac6be2ac83138hf6379eif571n1cd.pdf>.

MCGOWAN, Todd, 2020. Por que a ultradireita teme um Estado de Emergência. *Outras Palavras*. 2020. [Acesso em 05 de abril 2021]. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/por-que-ultradireita-teme-um-estado-de-emergencia/>.

OMS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19. Departamento de evidência e inteligência para ação em saúde. Pag. Informativa 5. [Acesso em 10 julho 2020]. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14.

PENNYCOOK, Gordon e RAND, David G., 2019 . Lazy, not biased: Susceptibility to partisan fake news is better explained by lack of reasoning than by motivated reasoning. *Cognition*. 2019. vol. 188, p. 39-50.

RODRIGUES, Altamiro Manoel, . K, 2020. Saúde Baseada em Evidências e a Pesquisa. Revista Saúde.2020, vol.14, no.1/2.

SALCI, Maria Aparecida, MACENO, Priscila, ROZZA, Soraia Geraldo, SILVA, Denise Maria Guerreiro Vieira, BOEHS, Astrid Eggert e HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schulter Buss, 2013. EDUCAÇÃO EM SAÚDE E SUAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS: ALGUMAS REFLEXÕES. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis. 2013. vol. 22, no.1, p. 224-30. .

SCHMITH, Virginia D., ZHOU, Jie Jessie e LOHMER, Lauren R.L., 2020. The Approved Dose of Ivermectin Alone is not the Ideal Dose for the Treatment of COVID-19. Clin Pharmacol Ther. 2020. vol. 108, no.4, p.762-765. [Acesso em 20 setembro 2020]. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32378737/>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 2020. Como manter a saúde mental em época de COVID-19. [Acesso em 21 março 2020] Disponível em: <http://www.sbponline.org.br/2020/03/como-manter-a-saude-mental-em-epoca-decovid-19>.

SUNY DOWNSTATE MEDICAL CENTER. *Evidence Based Medicine Course Evidence pyramid*. 2001.

WALLACE, Rob, 2020. Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. Trad.: Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Elefante, 2020.

WARDLE, Clarie, 2017. Fake news. It's complicated. Inglaterra: *First Draft*. 16 de fevereiro de 2017. [Acesso em 20 de março de 2021]. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/>.